

# Fé, Esperança, Amor – Uma Abordagem Bíblica

Rolf Droste

## 1. PROLUSÃO

- 1.1 A sinceridade das intenções torna possível aquele diálogo "irênico", que antecede todas as grandes iniciativas na igreja de Jesus Cristo.
- 1.2 O pluralismo na sociedade hodierna favorece e sublinha um igual pluralismo no seio da cristandade,... – Viver a unanimidade, fundeada no meio do pluralismo, significa permanecer firme naquilo que deve ser prioritário para toda Comunhão e para a comunhão de todas as Comunhões, – a igreja. Viver a unanimidade no pluralismo, isto significa estar à procura do polo comum a todos, em torno do qual a diversidade se pode desenvolver livremente num pluralismo de formas de expressão; as diversidades podem subsistir tanto mais livremente, quanto mais a unanimidade estiver assegurada.
- 1.3 Ó Igreja de Cristo... tornar-te-ias um lugar de cisões em incontáveis direções, num lugar, onde o pluralismo se transforma em dispersão, ou em mera coexistência? Cristo ainda achará fé na terra (Lc 18.8), se o pluralismo entrar em choque com a unanimidade?
- 1.4 Sem amor o espírito da pobreza não é nada, uma sombra sem luz. Pode-se dar crédito àquele que, em nome da pobreza, presunçosamente condena o próximo?
- 1.5 Diálogo é o contrário de polêmica.  
1.1-5: Roger Schutz/Prior de Taizé
- 1.6 A cristandade, no futuro, somente ainda formará uma minoria no mundo, e igreja só existirá ainda na diáspora.

Heinz Zahnrat

todas para si, deixando aos fracos apenas as migalhas. Ensinar a pescar, nesta situação, significa organizar os fracos, para que se unam e conquistem o seu espaço junto ao rio das riquezas latinoamericanas.

A história nos mostra que a classe dominante, que têm a faca e o queijo na mão, não distribui fatias voluntariamente e muito menos por amor e idealismo. É preciso que os fracos conquistem a sua fatia, por meio da sua organização, da sua força de barganha, dos seus recursos de exercer pressão sobre as leis e as normas que determinam a injusta organização social. Nossa missão evangelizadora será ajudá-los a conquistar os direitos que o amor lhes concede e que o façam orientados pela Palavra daquele que confessamos como o nosso Senhor. O amor de Cristo dá direitos e procura justamente os fracos, os que tropeçam na jornada da vida, os que vivem à margem, os que não têm forças, não têm voz, não tem vez. Já na Palestina os inimigos de Cristo eram os que faziam as leis e viviam nos palácios.

Para começar deveríamos nos unir, na medida do possível, e vencer a nossa dispersividade; unir-nos entre nós, nos nossos propósitos e unir-nos às outras igrejas cristãs, que conosco compartilham os mesmos propósitos.

Devíamos também crescer na aprendizagem de sermos menos abstratos na nossa pregação do amor, do perdão, da justiça, para tornar-nos mais e mais concretos e contextuais nos nossos propósitos; devíamos crescer na capacidade de desenvolver uma pastoral menos abstrata, a-temporal e estéril.

Em tudo isso devemos descobrir caminhos para construir em cima da unanimidade na aceitação do amor como norma ética máxima da cristandade e em cima da grande reserva cristã do povo latinoamericano.

Não por último deveríamos sempre solidarizar-nos com os expoentes nessa luta, não deixando-os sozinhos, quando acusados e caluniados de subversivos e comunistas, as pexas prediletas atiradas pelas classes dominantes sobre os que realmente se engajam pelo amor libertador e transformador.

- 1.7 Bem-aventurados são os misericordiosos,  
 porque na sua misericórdia Deus está presente.  
 Bem-aventurados são, quando não amarem  
 os infelizes por causa da sua infelicidade.  
 pois, terminada a infelicidade,  
 não acabará o seu amor.

Jörg Zink

## 2. FÉ, ESPERANÇA E AMOR – EM SUA COMPREENSÃO BÍBLICO-TEOLÓGICA

### 2.1 Fé

Falar da fé, é sempre falar de Deus e do homem, e de ambos ao mesmo tempo. Até Lutero a palavra "fé" (gilouba) era usada quase que somente na compreensão cristã. Posteriormente passou a ser usada com sentido secular, como "acreditar em si próprio", e, ainda, com a interpretação de "ser de opinião" e "supor".

- 2.1.1 Perguntando pela fé no AT, encontramos-a como a coisa mais normal na descrição do relacionamento do homem com Deus. Crer é o normal. Em princípio o homem do AT não se defronta com a pergunta: face à palavra de Deus, se deve ou não aceitá-la. Crer não é o problema e, por não ser um termo polêmico, não se destaca tal como no NT.

– O AT também desconhece inteiramente aquela expressão "crer em Deus", no sentido de admitir a existência de Deus. Naturalmente Deus existe. é. Este pensamento só aparece muito à margem, por exemplo, no Salmo 14.1: "Diz o insensato no seu coração: Não há Deus." Mas isto não diz que os insensatos não crêem em Deus, pois o posicionamento pessoal ainda desconhece a separação entre crer e descrer.

– Crer em Deus, portanto, é tão normal, que a fé somente é destacada no AT em casos especialíssimos.

- 2.1.2 A pergunta central em torno da fé, no AT, não é se o homem crê em Deus, e, sim, se o homem corresponde em obediência, louvor e serviço àquilo que Deus fala e faz. Assim a fé quase assume o significado de obediência e temor. "E viu Israel o grande poder que Deus exercitara contra os egípcios; e o povo

temeu ao Senhor, e confiaram no Senhor e em Moisés, seu servo" (Êx 14.31).

- 2.1.3 O emprego e entendimento correto, no AT, para crer, encontramos na história de Abraão. No início lemos: "sai da tua terra... e vai para a terra que te mostrarei" (Gn 12.1). E logo adiante lemos: "Partiu, pois, Abraão, como lho ordenara o Senhor" (12.4). Isto é comum, normal; e a palavra crer ou fé não aparece. — Só uma vez é dito explicitamente que Abraão creu (promessa do filho). Contrariando o seu lamento de ficar sem descendência, contudo, confia no Senhor. Este posicionamento é destacado com as palavras: "Ele creu no Senhor, e isto lhe foi imputado para justiça" (Gn 15.6).
- 2.1.4 O AT, em seus textos mais antigos, também ainda desconhece a tensão entre o crer e o ver. Ao crente, de modo geral, é concedido um sinal visível. Só mais tarde a tensão surge, quando se fala do Deus "misterioso" (Jó). — Iguamente não existe uma separação entre crer e agir. Crer sempre é corresponder, em palavra e ações, às palavras e ações de Deus.
- 2.1.5 Um aspecto e entendimento completamente novo aparece em Isaías. O profeta, contestado pelo rei, que não acata sua palavra, deve satisfazer-se em esperar e aguardar (8.17). Sua certeza na ação de Deus não se sente questionada. Tudo é uma questão de tempo.
- 2.2 Olhando para o NT, encontramos Jesus, bem no início, dizendo: "Arrependei-vos e crede no Evangelho" (Mc 1.15). Crer seria aqui aquele voltar-se decididamente para Deus. Fé, portanto, descreve a diferença entre o "antes" e o "agora". "Antes que viesse a fé, estávamos sob a tutela da lei," Paulo diz em Gl 3.23, referindo-se ao "evangelho em Cristo". E, a rigor, só são conhecidos dois grupos de pessoas: Crentes e incrédulos (2 Co 6.14ss). "Tudo o que não provém de fé é pecado" (Rm 14.23), "quem não crer será condenado" (Mc 16.16); "e os da fé são abençoados com o crente Abraão" (Gl 3.9,14); "todos vós sois filhos de Deus mediante a fé em Cristo Jesus" (Gl. 3.26), pela fé, publicanos e meretrizes estarão no reino de Deus (Mt 21.31). — Por maior importância que ocupem temas como obras da carne e frutos do Espírito (Gl 5.16ss), decisivo, porém, é que agora haja fé, onde antes não havia fé (At 13.48).

- 2.2.1 A fé não é obra ou mérito humano. Lutero escreve: "por minha própria razão ou força não posso crer em Jesus Cristo, meu Senhor, nem vir a ele." – "Ninguém pode dizer 'Senhor Jesus!' senão pelo Espírito Santo" (1 Co 12.3ss) O homem não dá quaisquer condições ao surgimento da fé. Ele não lhe prepara o terreno. Daí porque, tantas vezes, se relata sobre conversões surpreendentes e até indesejadas (profetas, apóstolos). A rigor "Deus efetua... o querer como o realizar" (Fp 2.13). – Deus cria a situação de fé com sua revelação (2 Co 4.6). E todos que crêem, confessam, depois, que a fé não é obra sua (1 Co 4.7).
- 2.2.2 A fidelidade de Deus torna Deus confiável. O homem pode confiar, porque Deus inspira confiança; pode ser fiel, porque Deus é fiel. – Quando os amigos baixaram o doente aos pés de Jesus, este gesto é classificado como sendo de fé (Mc 2.5). Eles simplesmente confiaram na fidelidade de Deus, que não abandona a sua criatura. Aqui também a fé "tudo sofre, tudo espera e tudo suporta" (1 Co 13). Como Deus é de confiança, o homem não precisa ter medo, bater pé ou defender posições. É isto que Jesus expressa, quando diz: "Tende fé em Deus" (Mc 11.22). – Especialmente a vinda de Cristo revela a fidelidade de Deus às suas promessas (2 Co 1.20-22). Desde aí crer em Deus é crer em Cristo, e vice-versa. Deus está em Cristo (2 Co 5.19). Daí porque Jesus é tido como o "Autor e Consumador da fé" (Hb 12.2). – Que ele mesmo, hoje, vem a nós na palavra (Rm 10.17) e no seu sacramento (Jo 6.48,57b), não é contestado. – "Fé, portanto, é a confiança que se coloca em Deus e na sua verdade; mas também é a confiança que Deus põe na pessoa" ("Was wir glauben" – J. C. Hampe).
- 2.2.3 Fé ainda se apresenta como obediência; obediência como entrega total. Abraão, por exemplo, no caso do sacrifício de Isaque, foi inteiramente obediente, porque confiava inteiramente em Deus. Assim também a vocação dos discípulos não é um chamado, para que ponderem, pensem e analisem, mas para que sigam, andem com ele (Jo 6.66). O quanto obediência e fé se entremeiam, concluímos da formulação paulina "obediência por fé" (Rm 1.5 ; 16.26). "Se Deus é por nós, quem será contra nós? Aquele, que não poupou a seu próprio Filho..., porventura não nos dará graciosamente com ele todas as cousas" (Rm 8.31,32)? Por isto a fé, somente, justifica. E ela é um engajamento abrangente da pessoas com Deus, que confia, onde aparentemente não há nada para confiar.

"Eu confio, apesar de tudo, seja eu pobre, sem compreensão, sem sabedoria, desprezado, ou carecendo de tudo.

... eu confio nele constantemente,  
ainda que ele demore,  
nem imponho a ele termo ou tempo." (M. Lutero)

- 2.2.4 Assim a fé se revela como a vitória que vence o mundo (1 Jo 5.5). A fé confia de tal forma em Deus, e na vida do Cristo ressurreto, que ela transforma a pessoa e a põe a fazer coisas novas. A nova vida em Cristo é este viver na fé. É assim que a fé está ligada ao amor e à esperança, e com outros aspectos da nova vida, tais como a paz (com amor e fé – Ef 6.23), constância, longanimidade e perseverança (2 Ts 1.4; Hb 6.12; Tg 1.3). – Credo, tem-se paz, e vive-se esperança e amor.

### 3. ESPERANÇA

- 3.1 A esperança é um recurso tranqüilo de se viver o que hoje é parcial e incompleto, sem perder o alento e o chão sob os pés. Esperança é uma certeza que sabe aguardar; é uma fonte de força e energia que não permite esmorecer (Is. 30,15), nem temer. No AT a esperança é uma indicação em direção a Deus. Principalmente os Salmos mostram como motivo e alvo da esperança o Senhor. Nele se pode esperar, porque nele se pode confiar. No AT, inclusive, esperança e confiança se confundem (Sl 37,3ss).
- 3.2 Para Paulo "esperar" significa aguardar de Deus a verdadeira e plena vida, à qual faltam as condições em nosso meio; e esperar, mesmo "contra a esperança" (Rm 4.18). Esta esperança ultrapassa a barreira morte (1 Co 15.19) e tem por conteúdo a própria ressurreição de Jesus Cristo. A esperança espera pela anulação e superação de tudo que limita, cerceia e aniquila vida. O grande alento e a grande força da esperança é a ressurreição de Jesus Cristo. O "regozijar-se na esperança" (Rm 12.12) só faz sentido, se o conteúdo da esperança é a ressurreição de Cristo. – A esperança levanta os olhos ao encontro do Cristo crucificado e ressuscitado. Talvez poder-se-ia dizer assim: A esperança é aquilo que caracteriza aquele momento e aquela situação entre o "eis que estou à porta, e bato" (Ap 3.20) – e a volta de Cristo. O momento atual é

“proteção da parusia, espaço para conversão” (H.J.Kraus). Quem crê no Cristo, ressurreto, com isto renasceu para uma viva esperança (1 Pd 1.3), que tem certeza na vinda vitoriosa de Cristo, que criará um novo céu e uma nova terra. A esperança cristã está fundamentada no Cristo, transformador das situações e da vida. E ela só deixará de existir, quando tiver chegado o momento em que “toda língua confessar que Jesus Cristo é SENHOR, para glória de Deus Pai” (Fp 2.11).

- 3.3 E, “falando em esperança, a cristandade fala do futuro dos povos, de toda a humanidade, pois ela existe em favor dos povos, e por amor à humanidade lhe é dada a esperança” (J.Moltmann).

#### 4. AMOR

O amor tem mil interpretações. Na Bíblia, porém prevalece, entre várias, aquela que é descrita com “agape”. É aquele amor, com o qual Deus escolheu o seu povo.

- 4.1 No AT, ao contrário do que acontece com o “eros”, que pode ser infiel e nada criterioso, – o amor é zeloso (1º mandamento), e não suporta perder o eleito. Este amor exige integralmente o coração, a alma e todas as forças. O amor sempre e somente existe no relacionamento bem concreto com o outro. O amor de Javé vale a Israel, e o amor do indivíduo ao seu próximo. E este próximo é próximo, não por ser o outro, mas por ser propriedade de Deus. Este próximo é um próximo, porque nele Deus está presente e próximo. Sim, tão próximo, que qualquer auxílio prestado (negado) a ele, é auxílio prestado (negado) ao Senhor (Mt 25.31-46).
- 4.2 Agape, em resumo, é aquele amor imensurável de Deus, revelado no nascimento e na crucificação de Jesus. É um amor que revela liberdade e espontaneidade de Deus. A sua dimensão verdadeira Paulo vê na cruz. De acordo com palavras de Cristo nos sinóticos e em João, o amor se caracteriza como amor, por não recuar diante de dificuldades, nem que se lhe cobre com o preço da morte. – Deste amor de Deus brota todo o amor entre os cristãos e este é fruto do Espírito Santo. “O amor é derramado em nossos corações pelo Espírito Santo” (Rm 5.5).

- 4.3 Este amor é um comprometimento. Tudo aquilo que Deus traz para dentro da nossa vida, deve ser vivido por nós: se graça, então graça; se escolha, então escolha; se poder, então poder; se fé, então fé; se esperança, então esperança; se amor, então amor! e isto de tal forma, que o amor de Deus e o amor dos seus filhos sejam um só.

## 5. FÉ, ESPERANÇA E AMOR

- 5.1 Crer, pois, não significa acreditar e, assim, não ter certeza. Crer é estar firme e seguro. "Tu és convertido para a fé" (J.C.Hampe). E esta fé exige comprometimento, confiança e fidelidade. Não se adquire a fé como um móvel por determinado preço. Nós mesmos, com todo o nosso ser, somos o preço. E nós não aprendemos a crer, mas somos chamados à fé. Deus, por meio da fé, também não passa a estar em nós, mas nós, pela fé, passamos a estar nele. Perguntar e procurar por Deus, falar e crer nele, vem de Deus. Portanto, fé não é um subir a ele, mas é um saber-se envolto por Deus. — Por isso os cristãos nada sabem sobre Deus exceto aquilo que ele lhes revelou, por exemplo, na história, mas especialmente em Jesus Cristo. No entanto, a fé tem três respostas. A primeira é o ouvir, no sentido de obedecer. — A segunda é a oração. Não é por acaso que ao estudo e ao ouvir da palavra de Deus costumamos associar a oração. A oração é uma reação à palavra de Deus, por assim dizer o "amém" que diz "sim, isto é verdade". — A terceira resposta é a ação do crente. Não podemos crer sem amar. (cf. "Was wir glauben" — J.C. Hampe).

"Agostinho adverte o leitor dessa maneira quanto à palavra 'fé', e ensina que nas Escrituras não se entende o termo 'fé' no sentido de 'conhecimento', tal como existe nos ímpios, mas no sentido de 'confiança' que consola e erige as mentes aterrorizadas... Somente pela fé são apreendidas a remissão dos pecados e a graça. E visto receber-se pela fé o Espírito Santo, imediatamente se renovam os corações e recebem novos afetos, por forma que podem produzir boas obras. Pois é assim que diz Ambrósio: 'A fé é a mãe da vontade boa e da ação justa'... Sem a fé a natureza humana de modo nenhum pode fazer as obras do primeiro e segundo mandamentos. Sem fé não invoca a Deus, nada espera de Deus, não carrega a cruz, mas busca auxílio humano e nele confia. Assim sendo,

quando falta a fé e a confiança em Deus, todas as cobiças e conselhos humanos reinam no coração. Razão por que também Cristo disse: 'Sem mim nada podeis fazer'. E a igreja canta:

Sem o teu poder

Nada há no homem.

Nada há de puro." (C.A. – Artigo 20).

- 5.2 O fato de não existir somente a fé, mas também a esperança, mostra que a plenitude ainda inexistente. A ressurreição de Cristo é a morte da morte, que será revelada aos olhos de todo o mundo no dia do Senhor. A esperança crê numa vida além da morte e do tempo, não transcendente, que surgirá com o novo céu e a nova terra. Sobre estes pouco se pode afirmar, mas quatro aspectos ou temas sobressaem.
- 5.2.1 Fé e esperança aguardam a "plenificação"; portanto, a vinda visível e palpável do reino de Deus no mundo. Espera-se uma renovação e transformação radical da situação do mundo atual. A esperança não se cansa em dar "oxigênio" à fé, quando aguarda que pobreza, doença, sofrimento, perseguição, desespero e morte sejam desfeitos.
- 5.2.2 A fé espera a plenitude da vida com ressurreição dos mortos; espera pela comunhão eterna com Deus.
- 5.2.3 Esta comunhão eterna com Deus não é individual, mas vai abranger a "família de Deus". A comunhão aqui ensaiada, a comunhão de mesa, tem a promessa de se tornar plena e irreversível. – E o louvor e a adoração, aqui, já são uma indicação antecipada para o futuro glorioso de Deus com o seu povo.
- 5.2.4 De acordo com as promessas do Senhor, o novo mundo não é algo eterico-espiritual, ou transcendente-celestial, mas vida em uma nova criação. A Bíblia chama esta criação de "novo Céu e nova terra" (Ap 21), mas não antecipa detalhes daquilo que Deus fará em sua liberdade. – Todo o futuro está simplesmente ancorado no "eu sou o Senhor, teu Deus" (Êx 20.2). Nisto a fé crê e espera. – Sempre crendo, de fé em fé, "o crente" extrapola a sua própria esperança (expectativa) e confia que Deus faça coisas, que ele agora ainda não pode compreender.

“Veio sobre mim a mão do Senhor e me perguntou: ‘Acaso poderão reviver estes ossos?’ – Se o profeta, que desconhecia qualquer doutrina da ressurreição, tivesse dito: ‘Sim, eu penso que poderão’, – então ele se teria antecipado a Deus com sua esperança. – Disse: ‘Não, eu não creio’. – então ele não contaria com o poder de Deus. Assim ele responde ‘Senhor Deus, tu o sabes’” (Ev. Erw. – Katech.).

### 5.3 Amor

Quem crê em Deus, isto é, nele existe, este quer que o seu amor aconteça “assim na terra, como no céu”. Jesus esteve convencido que Deus esperava dos homens primeiramente amor: “Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todas as tuas forças e de todo o teu entendimento; e amarás o teu próximo como a ti mesmo” (Lc 10.27).

Este amor inclui o inimigo (Mt 5.43s). Assim Cristo assume uma contraposição em relação ao que acontece no mundo. E ele mesmo é a realização total deste amor. Foi fiel à sua missão de amar Deus e o próximo de todo o coração, quando teve que sofrer e morrer. Jesus, porém, não só nos revela o amor que se doa, mas também o amor que perdoo e, assim, reconcilia. Esta reconciliação é o nascedouro do amor entre nós, do qual brota água viva que conserva, sustenta e promove vida. – “O corpo de Cristo não pode estar dividido, o corpo de Cristo é um só. Todos que são cristãos, devem vigiar, para que os seus antagonismos não se transformem em escândalo para os incredulos, para o mundo. Reconheçamos que o mundo nos goza com razão, quando confessamos Deus como o Deus do amor e ao mesmo tempo nos desprezamos uns aos outros, nós, que carregamos o nome de Cristo... Com o mandamento de amar a todos os homens, o evangelho não permite que assumamos uma posição de inimizade frente a outros grupos cristãos” (“Das Heute Gottes” – R. Schutz). – “Quem fere o amor, não constrói na igreja de Deus... No entardecer da vida seremos julgados pelo amor; aquele amor que nós deixamos crescer e desenvolver-se como misericórdia em nossos corações em favor de todos os homens” (“Warten auf das Ereignis Gottes” – R. Schutz).

## 6. O MAIOR DESTES É O AMOR

O amor é um movimento radical em direção à vida. – “Que bom que Deus não é tão radical como os seus discípulos o são tantas vezes”, – e a palavra de um cristão, referindo-se à falta de paciência, esperança e amor de uma discípula para com o próximo. Deus, antes de ser radical na exigência, é radical na doação. Do amor de Deus, que assumiu forma humilde e humana (Fp 2.5ss), e no qual todo o amor cristão tem o seu começo e fim, lemos em 1 Co 13

– De certa forma a IECLB se me parece comparável à igreja em Corinto. Havia grupos, tensões e, sobretudo, muitos dons espirituais. Acontecia muita coisa, e cada um achava que aquilo que ele tinha ou fazia era o mais importante. – Também na IECLB acontece muito. Despertamento espiritual, redescobrimto do sacerdócio geral dos crentes, cultos novos, canções novas, engajamento social, posicionamento político. E cada qual acredita saber o que é o mais importante. Li ser este o fraco da vida religiosa: considerar-se sempre mais importante do que os outros.

Não ponho em dúvida nada daquilo que este ou aquele tem por importante. A palavra de Paulo, porém, é oportuna: “e se não tiver amor?” – O que será da fé que movimenta massas, se neste movimento outros são triturados (1 Co 13.2)? – O que será que alcançariamos, se fizéssemos o que o jovem rico não conseguiu fazer, “despedaçar” os nossos bens, distribuindo-os entre os pobres, se ao mesmo tempo não conseguíssemos distribuir o amor (v.3)? Fazer o bem, por si só, ainda não é o amor! De nada adianta afastar-se (ou juntar-se aos) dos que vivem a fé na alta tensão de um entusiasmo pneumático, ou afastar-se (ou juntar-se) dos que contestam classes sociais e estilos de vida, por exemplo, a burguesia. De nada vale refletir sobre unidade e pluralidade, sobre igreja “em baixo” ou “em cima”, se faltar o amor. – “Quisesse Paulo definir o amor, talvez diria, que ele é um pensar a partir do outro e um viver em direção a ele, ou o estar aberto para ele, e o estar disponível para ele...” (G. Voigt – Reihe II/Estomihi – 1980. Neste sentido o apóstolo diz que o amor é paciente (saber esperar faz parte da fé) e tolerante (Rm 2.4). O amor (agape) é benigno; o “eros” se acende e se apaga inesperadamente. Na explicação ao 8º mandamento Lutero escreve: “...devemos, porém, desculpá-lo (o próximo), falar bem dele e

interpretar tudo da melhor maneira". Aqui, certamente, cabe arrependimento e penitência na igreja. — O amor não arde em ciúmes, o que é desfazer o outro, — não se ufana, o que é se sobrepor ao outro, — não se ensoberbece. O amor, pelo contrário, "busca o interesse do outro" (1 Co 10.24; Fp 2.4). O amor é simples, sem dobra, simplice e puro! Tanto pensa a partir do outro, que toma o seu partido; não se alegra com a injustiça (erro do outro), mas se regozija com a verdade (sucesso do outro).

A fé faz o seu estágio no amor. Amor é a praxis da fé na justificação do próximo por Deus.

Em suma, o amor é a realização plena da fé e da esperança. Tudo crê, tudo espera! E neste processo ele também tudo sofre e tudo suporta.

Aqui transparece Cristo. Este amor é o seu amor, não o nosso. E dele não é falado na forma de um imperativo. Não temos que ser como Cristo, mas Cristo pode envolver-nos com aquele amor de tal forma, que ele vence em nós e sobre nós, a ponto de podermos dizer: "já não sou eu que amo, mas Cristo ama em mim" (Voigt/; Gl 2.20).

Este é um caminho sobremodo excelente para os "coríntios — ieceelebeans". Aqui está a nossa possibilidade de sofrer, crer, esperar e suportar na unanimidade do amor. Nisto, então, se realiza reino de Deus, e, de certo modo, já acontece hoje o que será a "alma" do novo céu e da nova terra. Assim tem começo e se concretiza em nosso meio o que jamais acaba.

Tudo vai passar, céus e terra, linhas cá e grupos lá, luteranos e reformados, pietistas e socialistas, migrantes e "acomodabastados", capixabas, paranaenses, constituições e estruturas, teologia e sociologia. Tudo, uma vez, será considerado "infantil" (1 Co 13.11).

Os dons da graça uma vez desaparecerão, mas o amor não. Por que não? Porque ele não é um dom, uma forma para veicular vida celestial, mas a própria vida.

Por isto, onde houver amor, estaremos no caminho que está acima de todos os caminhos.

Viver o amor não é uma antecipação vaidosa do futuro prometido, mas é o acontecimento do Cristo de Deus em nosso meio, a presença daquele que vem!

————//————

O anjo, porém, chorou e foi embora

Vivia, certa vez, uma velha que era muito, muito braba e morreu. Não havia praticado em toda a sua vida nenhuma boa obra. Por isso vieram os diabos e atiraram-na no lago de fogo. O seu anjo da guarda, porém, pensava: Não conseguirei eu me lembrar de nenhuma obra boa, para manifestá-la a Deus? Foi então que lhe ocorreu algo, que contou a Deus: "Ela, certa vez," assim falou, "arrancou de sua horta uma cebolinha, dando-a para uma mendiga". E Deus lhe respondeu: "Então toma esta cebolinha, alcança-lha, para que nela possa agarrar-se, e se assim conseguires tirá-la do lago, que entre no paraíso; mas se a plantinha arrebentar, fique a velha onde está!" – o anjo dirigiu-se à mulher e lhe alcançou a cebolinha. "Toma aqui", disse ele, "e vejamos se posso tirá-la daí!" E logo começou a puxar devagarzinho, – e quase a tinha tirado, quando os outros pecadores no lago, notando-o, agarraram-se nela, para que também fossem salvos. Mas a mulher era braba, muito braba e os afastou com os pés, gritando: "Só a mim eles devem tirar daqui, não a vocês; é minha a cebolinha, não de vocês". Mal o dissera, a plantinha arrebentou. E a mulher voltou a cair no lago de fogo e lá está ardendo até hoje. O anjo, porém, chorou e foi embora.

Fjodor M. Dostojewskij

#### BIBLIOGRAFIA:

- Gollwitzer, H. **Befreiung zur Solidarität**. München 1978. – Moltmann, J. **Kirche in der Kraft des Geistes**. München 1975. – Kraus, H. J. **Reich Gottes: Reich der Freiheit**. Neukirchen – Vluyn 1975. – Westermann, C. **Theologie (Vlx12 Hauptbegriffe)**. Stuttgart 1967. – Osterloh, E./Engelland, H. **Bibl.-Theol. Handwörterbuch**. Göttingen. – Voigt, G. **Homiletische Auslegung der Predigttexte**. Göttingen 1979. – **A Confissão de Augsburg**. São Leopoldo 1980. – Schutz, R. **Das Heute Gottes**. Gütersloh 1961. – Schutz, R. **Warten auf das Ereignis Gottes**. Basel 1971. – Hampe, J. C. **Was wir glauben**. Gütersloh 1977. – Reller, H. **Evangel. Gemeinde-Katechismus**. Hannover 1979. – Zahrnt, H. **Wozu ist das Christentum gut?** München 1972.

A pessoas  
 numa cidade portuária da Grécia,  
 Paulo, um homem experiente,  
 escreveu a canção do amor:

Falasse eu todas as línguas  
 dos homens  
 cantasse melodias angelicais,  
 – e não amasse,  
 seria semelhante  
 a um gongo de som abafado,  
 um sino espalhafatoso.

Conhecesse eu  
 dos pensamentos de Deus,  
 pudesse vislumbrar  
 todos os mistérios,  
 tivesse toda sabedoria,  
 transplantasse montanhas  
 pela força da minha fé,  
 – e não amasse,  
 eu nada seria.

Distribuisse todos os meus bens,  
 expusesse-me ao fogo  
 para ser queimado,  
 – e não amasse,  
 de nada valeria.

O amor tem tempo.  
 Ele ama com fôlego.  
 É gentil.

Não pressiona.  
 Aceita o amado como é.

Não quer aparecer,  
 nem se coloca em evidência.

Não fere. Não agride.  
 Não procura vantagens.

Não fica desgostoso  
 com experiências desgostosas.

Não debita o mal ao outro.  
 Lamenta a injustiça  
 e se alegra com a verdade.

O amor tudo carrega.  
 O amor tudo crê.

O amor tudo espera.  
 Ele se submete ao peso  
 e o carrega com paciência.

Sem fim é o amor.

A sabedoria humana  
 acerca de Deus esvairá;  
 o que pessoas disseram, se perderá;  
 o que pensaram e pesquisaram,  
 acabará.

Fragmentário é o que sabemos,  
 fragmentário o que reconhecemos.  
 Quando o que é perfeito  
 nos envolver,  
 veremos a plenitude  
 e termina o que é fragmentário.

Uma vez eu era criança.

Falava como criança.

Era esperto como criança.

Sonhava sonhos infantis.

Quando fiquei adulto,  
 me despi das infantilidades.

Hoje presumimos Deus,  
 assim como o nosso próprio rosto  
 encoberto  
 em espelho cúprico,  
 estranho, sombreado, misterioso.  
 Amanhã veremos, límpida e próxima,  
 a sua face.

Sabemos muito,  
 contudo, é fragmentário.

Então, porém, haveremos de ver  
 na luz,  
 na qual Deus nos vê hoje.

Agora, pois, permanecem  
 a fé a esperança e o amor;  
 estes três.

Porém o maior destes  
 é o amor.